



Ordem do Mérito Cultural

Brasil, por uma
cultura da paz.

2004



Ordem do

Cerimônia de entrega
das insígnias da
Ordem do Mérito Cultural

Mérito Cultural

10^a edição





Criada em 1995 pelo Ministério da Cultura, a Ordem do Mérito Cultural é um reconhecimento do Governo Federal a personalidades, órgãos e entidades – públicas e privadas – que se destacam por suas contribuições à cultura brasileira. Inspirada na tradição portuguesa é a única no País voltada, exclusivamente, para a valorização da cultura.

Entregue a cada mês de novembro, por ocasião do Dia Nacional da Cultura (05/11), a Ordem do Mérito Cultural reúne, hoje, cerca de 240 brasileiros e instituições, sendo considerada uma das mais importantes celebrações em legitimação e reconhecimento às ações culturais desenvolvidas no País.

Neste ano, a equipe do Ministério da Cultura e os ministros que participam do Conselho da Ordem, sob a orientação do Presidente da República, agraciam 40 representantes de diversos meios de expressão e regiões do Brasil: do Norte ao Sul, do samba ao rock, da literatura ao cartum, da dança à arquitetura, dos artistas de rua aos intelectuais e gestores culturais. Temos, em 2004, um mosaico de manifestações que afirmam cotidianamente a vitalidade e a diversidade cultural brasileira. Manifestações que fazem do Brasil uma nação plural, plurirracial e pluricultural. Uma potência pacífica e cordial por natureza.

Nesse sentido, o Brasil tem papel singular no mundo. Sua grandeza econômica, cultural e ecológica se concretiza como base de sustentação de um projeto pacifista, hoje amplamente representado nas expressões artísticas e culturais do País. Procura-se, então, fazer desta cerimônia da Ordem do Mérito Cultural 2004 uma celebração da cultura pela paz, pela cidadania e pela diversidade. Porque uma cultura forte se consolida com integração. Porque não há cidadania sem uma escuta cultural das diferenças. Porque paz não se improvisa, mas se constrói. Porque, hoje, o grande desafio não é mais tolerância e aceitação, mas compartilhamento e convivência.

Brasil, por uma Cultura da Paz é o mote para este canto genuíno, nas vozes de todos que fizeram e fazem o País. Representa o traço cultural do Brasil mestiço, onde a unidade dialoga com a diversidade como prática e poética cotidiana. Para o Ministério da Cultura, falar em uma cultura da paz não é falar apenas em ausência de guerra, nem em passividade, nem em resignação. Falar em cultura da paz também não é apenas falar do Estado, mas de estados de espírito e de consciência. Falar em cultura da paz, portanto, é falar de uma mudança radical de paradigmas. É falar de novas atitudes, individuais e coletivas. É falar de compromissos e atos que afirmem a dignidade e a vida. Enfim, é educar para uma nova ação político-social que não seja mero discurso sobre direitos e deveres, mas práticas efetivas de comprometimento, cidadania e prazer. Nesse processo, a cultura é fundamental, não só como formadora de hábitos, mas como geradora de símbolos e expressões que concretizam, mobilizam e perpetuam o processo de paz. Assim, ao reconhecer artistas, intelectuais e instituições que, direta ou indiretamente, imprimem essa mensagem em suas produções, o Governo também reconhece seu papel na construção de um projeto pacífico baseado em um amplo conceito de cultura, que vai além das expressões artísticas tradicionais. Valoriza-se, aqui, cultura como o conjunto dinâmico de todos os atos criativos de nosso povo, usina de símbolos de cada comunidade e de toda a nação; cultura em sua dimensão econômica, fator de desenvolvimento e geração de renda e emprego; e cultura como cidadania, dinamo das transformações sociais.

Ao assumir esse compromisso no conjunto de suas ações e políticas públicas, o Ministério da Cultura reafirma a sua missão de buscar a inclusão da cultura nas políticas estratégicas do Governo, assim como a inclusão de políticas culturais mais abrangentes, democráticas e integradoras nos vários cantos do Brasil. Através desse reconhecimento e compromisso, o Governo espera ter dado mais um passo para que o País não



continue sinônimo de uma aventura generosa, mas sempre interrompida, e para que a ampliação do acesso dos brasileiros à produção e à fruição de bens culturais seja obra não apenas de um ministério, mas de todo o Estado e toda a sociedade.

Somos diversos, vários, múltiplos e plurais em cada unidade que se confirma no outro pelo traço de união e contágio. Essa é a nossa riqueza e o nosso caminho de civilização. Por essas razões, neste ano, o Governo fez da Ordem do Mérito Cultural uma insígnia da paz. São 30 personalidades e 10 instituições culturais a serem condecorados, testemunhos de que a paz é um sonho comum, mas uma ação de cada um.

A todos os homenageados — o nosso muito obrigado.

Conheça as ações e metas
do Ministério da Cultura
no site www.cultura.gov.br







Agraciados

2004



Alberto da Costa e Silva

"A mão do meu pai sobre o papel desenha, / quase num só traço, o menino a cavalo. / Sai de sua mão a mão com que lhe aceno, / e vai sobre o papel o menino a cavalo... / ". Este foi considerado, por José Paulo Paes, um dos poemas mais bem feitos e jamais escritos na língua portuguesa. Trata-se de escritos de Alberto da Costa e Silva. Paulista, poeta, romancista, ensaísta, historiador e diplomata. Nascido em 1931, ele é considerado o maior africanólogo do País e, segundo Ivan Junqueira, o poeta que alcança o nervo da linguagem poética. Sua obra é enaltecida por Miguel Sanches Neto, Fausto Cunha, Gerardo Mello Mourão, José Guilherme Merquior, Fernando Py, César Leal, José Saramago, Osvandino Marques e muitos outros. Não é pouco. O crítico e poeta Antonio Carlos Villaça definiu sua obra como "uma vitória permanente da cultura sobre a natureza, ou da exigência sobre a facilidade". Formado pelo Instituto Rio Branco, em 1957, Alberto da Costa e Silva serviu como diplomata em Lisboa, Caracas, Washington, Madri e Roma. Foi embaixador na Nigéria, no Benim, na Colômbia e no Paraguai. Alberto da Costa e Silva possui inúmeras obras publicadas e presidiu uma das mais importantes instituições culturais do Brasil, a Academia Brasileira de Letras, durante o biênio 2002/2004. O último livro de Alberto da Costa e Silva é *Um Rio Chamado Atlântico*, pela Editora Nova Fronteira. Nele, o historiador revela peculiaridades e fatos históricos de uma África que ainda não conhecemos. O autor sustenta que a cultura africana é um dos alicerceis da cultura brasileira e que o modo de vida do outro lado do Atlântico também foi influenciado pelo Brasil.



Arnaldo Angeli Filho

Quem não se lembra de Rê Bordosa, Bob Cuspe, Wood & Stock e os impagáveis Skrotinhos? Estas são personagens das tirinhas diárias publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* nas décadas de 70 e 80. Em 1985, essas personagens pularam para uma revista de quadrinhos independente, com inquestionável influência no mercado editorial. O autor dessa façanha é Arnaldo Angeli Filho que nasceu em 31 de agosto de 1956, em São Paulo e, aos 14 anos, publicou seu primeiro desenho na extinta revista *Senhor*. Em 1973, foi convidado a desenhar para o jornal *Folha de S. Paulo*, onde além de charges políticas, criou a tira diária *Chiclete com Banana*. Angeli é autor de vários livros, participante de alguns festivais de humor na Europa e colaborador do jornal *Diário de Notícias* de Lisboa. Teve seus trabalhos publicados pelas revistas *Linus*, de Milão; *El Vibora*, de Barcelona; e *Humor*, de Buenos Aires. Atualmente, trabalha com exclusividade para a *Folha de S. Paulo* e *Universo On Line (UOL)* desenvolvendo quadrinhos animados para a Internet. Angeli foi homenageado em 1999 no *Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte* pelos 30 anos de carreira e, em 2000, no *Festival de Bandas Desenhadas de Amadoras*, em Lisboa, Portugal. O cartunista também recebeu, durante sete anos consecutivos, o prêmio de melhor chargista brasileiro no festival de quadrinhos *HQ Mix*. Possui várias publicações onde se destacam *Coleção Sobras Completas* - compilação das tiras de todos os seus personagens; *Os Skrotinhos - A Fome e a Vontade de Comer*; *Luke & Tantra - Sangue Bom*; *Rê Bordosa - Vida e Obras da Porra Loka*; *Os Skrotinhos - A Cura pelo Fel*; *Wood & Stock - Psicodelia e Colesterol*; e *Sexo é uma coisa suja* -material de sua coluna semanal no UOL, que será lançado na França, Portugal e Espanha. Em breve será lançado *Wood&Stock, Sexo Orégano e Rock'n Roll*, filme de Otto Guerra baseado em sua obra.

Arnaldo Carrilho

No inicio dos anos 60, o jovem diplomata Arnaldo Carrilho foi o responsável pelo lançamento dos primeiros filmes do Cinema Novo em importantes festivais europeus. Além de promover a apresentação dos filmes nos festivais, Arnaldo Carrilho desenvolveu um apaixonado trabalho de atração de críticos, jornalistas, produtores e distribuidores para a exibição dos filmes brasileiros, cujo resultado foi o grande impacto internacional de obras como *Barravento*, *Vidas Secas*, *Porto das Caixas*, *Cinco Vezes Favela*, *Os Cafajestes*, *Ganga Zumba*, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *A Grande Feira* e *Os Fuzis*. Durante toda a sua longa carreira, o embaixador Carrilho, um dos maiores especialistas mundiais em política audiovisual, dedicou especial atenção à divulgação do cinema brasileiro no exterior. Em seu livro *Revolução do Cinema Novo*, Glauber Rocha termina o capítulo dedicado a Arnaldo Carrilho com uma pergunta: "Muito se escreveu sobre Cinema Novo no mundo. Quando é que o Itamaraty vai mandar seus adidos culturais pesquisarem tudo que se escreveu sobre Cinema Novo, para que se tenha nos arquivos do Barão do Rio Branco o fruto do trabalho deste grande diplomata?".

Caetano Veloso

Aquele sempre pronto a "entrar e sair de todas as estruturas", como discursou no desabafo-manifesto da apresentação ao vivo de *É Proibido Proibir*, em 1968. O cantor e compositor Caetano Veloso nasceu em 07 de agosto de 1942, em Santo Amaro da Purificação, Bahia. Representa a melhor tradução de um artista múltiplo, polêmico e inquieto, sempre em constante atividade na ponta do pensamento – criador da vanguarda cultural brasileira. É um dos pilares do Tropicalismo, que reuniu diversas manifestações artísticas para provocar estruturas fechadas e abrir os canais de vocação "antropófaga" do brasileiro em devorar, assimilar e devolver diferente. Preso e exilado durante a ditadura militar – com Gilberto Gil – Caetano jamais perdeu seu contato e influência direta nos rumos da cultura brasileira. Sua obra explode com *Alegria, Alegria*, em um dos famosos festivais de música da Record, em 1967, e segue as décadas como um painel revelador das contradições brasileiras. Em 1972, lança o experimental *Araçá Azul*. Em 1976, junto com Gil, Gal e Bethânia, forma os Doces Bárbaros. Nos anos 80, lança vários sucessos como *Outras Palavras*, *Cores*, *Nomes*, *Uns* e *Velô*. Também faz *Chico & Caetano* na TV. Na década seguinte, lança *Circuladô*, com faixa-título baseada num poema de Haroldo de Campos; e refaz parceria com Gilberto Gil em *Tropicália 2*. Com incursões também no cinema e na literatura, em 1997, Caetano lança seu primeiro livro *Verdade Tropical*. Em 2000, ganha o prêmio *Grammy*, na categoria *World Music*, com o disco *Livro*. Atualmente, lançou disco onde canta, em inglês, clássicos da música norte-americana.

Candombe do Povo do Açude – Serra do Cipó

Por traz dos vales e belas cachoeiras da Serra do Cipó, eles ecoam os tambores pela tradição e cantam para afirmar suas raízes. Remanescente de comunidades quilombolas, o *Povo do Açude* ritualiza como prática cotidiana a celebração do *Candombe* – uma das mais antigas danças e cantorias dos escravos. São cerca de sessenta pessoas, reunidas em uma grande família, num grande objetivo: preservar as origens pelo canto da tradição. Considerada uma das mais importantes expressões culturais da região, a cerimônia do *Candombe* é uma forma de expressão espontânea, aberta a todas as pessoas com o dom da poesia, da música, da dança e da fé. É também uma forma de se pedir proteção aos “velhos” – pessoas da família que já faleceram – através de Nossa Senhora do Rosário. As orações, tantas vezes repetidas, são uma forma de agradecer a Nossa Senhora do Rosário, mãe do *Candombe*, por todas as bênçãos concedidas àquela comunidade. E os batuques dos tambus – instrumentos de madeira produzidos pela própria comunidade – são os meios para transmissão de alegria e fé.



Cequinhas de Campina Grande

Maria, Regina e Conceição Barbosa. Três mulheres, três irmãs, três testemunhos de garra e beleza, doçura e determinação. Ninguém melhor do que elas para mostrar que as limitações da vida se transformam com a superação cotidiana. Cegas de nascença, as irmãs de Campina Grande trazem na bagagem mais visões do que muitos que se consideram bons de vista. Sua percepção de lugares, cores e circunstâncias mostram como o olhar é principalmente interior, como tudo começa na alma. Mostram que a visão é, antes de tudo, uma concepção do desejo, um mapa de intenções. Paraibanas, passaram a infância perambulando por quase todos os estados do Nordeste. Seguiram os passos do pai que trabalhava como mão-de-obra temporária para os proprietários de terra da região. Aprenderam a cantar nas feiras e nas portas das igrejas em troca de esmolas. Após a morte do pai, as emboladas de coco e os versos de sete pés tornaram-se a principal fonte de renda de uma família de quatorze pessoas. Há mais de trinta anos, tocam ganzá, cantam e pedem esmola diante da Catedral ou da antiga Livraria Pedrosa, em Campina Grande. Até que, num dia, as três chamaram a atenção do cineasta Roberto Berliner, coisas de destino... O cineasta passou a acompanhá-las e realizou dois curtas-metragens. Com os filmes, as irmãs e o seu repertório de preciosas cantigas, emboladas e sambas rurais, chegaram aos ouvidos de Naná Vasconcelos e Gilberto Gil, curadores do festival internacional *Percpan*, em Salvador. As Cequinhas de Campina Grande participaram da edição de 2000 do festival, pela primeira vez em suas vidas como artistas profissionais. Elas são as estrelas do longa-metragem *A pessoa é para o que nasce*, a ser lançado nos cinemas em 2005.

Companhia Barrica

Criada e dirigida pelo artista popular maranhense José Pereira Godão, a *Companhia Barrica Teatro de Rua* completa, neste ano, 19 anos de comprometimento e dedicação à Cultura Popular Brasileira. Em 1985, a Companhia estreou no Maranhão com o espetáculo junino *O Boizinho Barrica à Luz de uma Estrela* que, depois de três anos, foi gravado em disco. A tradição dos folguedos e as festas populares são os grandes focos dos espetáculos do grupo, que coloca em ruas e praças a diversidade de ritmos e danças típicos da cultura maranhense. Em 1989, depois de várias apresentações em São Paulo, o grupo lançou mais três discos e fez diversas apresentações fora do País. Em 1993, a *Companhia Barrica* lançou os CDs *Brincadeira de Rua do Boizinho Barrica* e *Guizos do Bicho Terra*. Em 2000, depois do lançamento do CD *Explosão do Bicho*, o grupo participou das comemorações do *Programa Brasil 500 Anos*, em Roma, na Itália. No ano seguinte, o grupo lançou o CD *Fogo de Amor* e iniciou excursão do espetáculo *São João do Maranhão*. Passou por Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, fechando a turnê com chave de ouro na quadra da escola de samba Grande Rio em Niterói, a convite do carnavalesco Joãosinho Trinta. Em 2003, *Companhia Barrica* foi para Dubai, nos Emirados Árabes, durante viagem do presidente Lula àquela região. Este ano, participou, em julho, do Programa *Vale Festejar*, patrocinado pela Cia. Vale do Rio Doce, no Convento das Mercês, em São Luís.

Cordão da Bola Preta

"Quem não chora não mama/ Segura meu bem a chupeta/ Lugar quente é na cama/ Ou então no Bola Preta". Quem não cantarolou estes versos em época de carnaval? Afamado pela sua irreverência, o *Cordão da Bola Preta* foi fundado em 1918, no Rio de Janeiro, por um grupo de dissidentes do Clube dos Democráticos. Inicialmente, os foliões se reuniram sob o nome de *Só Se Bebe Água*. Considerado a mais antiga sociedade recreativa existente no carnaval carioca, o clube resiste até hoje como um baluarte da alegria e da descontração típica dos moradores da cidade. Mas foi só a partir de 1941 que os foliões do Bola Preta passaram a desfilar todas as manhãs dos sábados de carnaval, levando à frente o seu estandarte branco com uma bola preta para abrir "oficialmente" a folia carnavalesca da cidade maravilhosa. Aos domingos, também saem em cortejo, com carros alegóricos, comissão de frente e a sua Rainha Moma. No final do ano de 1949, foi inaugurada a sua famosa sede social, no centro histórico da cidade, mais precisamente, na Cinelândia. Desde então, é lá onde acontecem os tradicionais bailes e outras formas de confraternização entre associados e demais freqüentadores. A *Marcha do Cordão da Bola Preta* ou *Quem Não Chora Não Mama* – de autoria de Vicente Paiva e Nélson Barbosa – foi composta em 1935. A música logo caiu no gosto popular e tornou-se um dos mais conhecidos hinos. Tocado até os dias de hoje, no período carnavalesco, em bailes e rádios por todo o País e cantado por milhões de brasileiros, aqui e no exterior. A letra da marchinha diz: "Vem pro Bola, meu bem!". Só que para ser sócio desse tradicional clube é preciso gostar da folia e ser bom de copo, mas, conforme exige seu estatuto, "vagabundo não entra".

Danilo Miranda

Um raro e concreto criador brasileiro, o sociólogo Danilo Miranda é, sem dúvida, um dos gestores que mais entendem, respeitam e difundem a Cultura Brasileira. Há 21 anos, dirige o Departamento Regional do SESC de São Paulo. Em junho deste ano, Miranda foi escolhido para presidir o *Fórum Mundial Cultural*, ocorrido em São Paulo, principal encontro do Hemisfério Sul que discutiu os movimentos culturais como fatores de desenvolvimento entre as nações, dentre outros temas ligados à cultura e à educação. Também neste ano, Miranda participou da abertura do *Fórum Universal das Culturas*, realizado em Barcelona, na Espanha, quando proferiu palestra em seminário sobre o tema "Interação na língua catalã". Licenciado em Filosofia e Ciências Sociais, Danilo Miranda reformulou a atuação do SESC ampliando a presença da instituição na comunidade, em especial nos setores culturais. Desse trabalho resultaram projetos significativos para as áreas de teatro, música, dança, cinema, esporte, artes plásticas e educação ambiental realizados em unidades da capital e interior de São Paulo. A renovação institucional favoreceu a associação da entidade com iniciativas e instituições da comunidade, dando maior visibilidade na mídia do trabalho do SESC junto à opinião pública. Miranda traçou um novo perfil social para o SESC sintonizando-o com os problemas e preocupações da sociedade e passando a contemplar temas como a terceira idade, ecologia, artes públicas, minorias e culturas corporais em projetos que repercutem em toda a sociedade civil. Nasceu em Campos, no estado do Rio de Janeiro, em 24 de abril de 1943.



Fernando Sabino

In Memoriam

Integrante do grupo dos Quatro Mosqueteiros da literatura mineira; ao lado de Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos; Fernando Sabino deixou uma produção literária com mais de quatro dezenas de obras em 80 anos de vida – entre crônicas, contos e romances. Ganhou o *Prêmio Jabuti* por *O Grande Mentecapto* de 1979, e o *Prêmio Machado de Assis* pelo conjunto de sua obra, concedido pela *Academia Brasileira de Letras*, em 1999. O quarteto de amigos ocupa não só uma posição central na história da moderna literatura mineira e brasileira do século XX, como originou *O Encontro Marcado*, uma das mais importantes obras de Fernando Sabino, sobre quatro jovens que marcam um encontro para o futuro. O romance de 1956 foi editado no exterior e adaptado para o teatro. *O Grande Mentecapto* também ganhou versões teatrais e cinematográficas. Nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 12 de outubro de 1923, o escritor marcou sua estréia com o conto *Os Grilos Não Cantam Mais*, em 1941. Sabino popularizou-se, sobretudo, como cronista do dia-a-dia, equilibrando humor e lirismo. Provocou polêmica, em 1991, ao lançar o livro *Zélia, uma paixão*, uma biografia autorizada sobre a vida privada da então ministra da Fazenda, Zélia Cardoso de Mello. O escritor manteve em segredo as duas doações feitas para a causa de menores abandonados. Doou tanto a quantia que recebeu pelo livro *Zélia, uma paixão*, quanto à recebida pelo *Prêmio Machado de Assis*. Após tomar conhecimento de que estava perdendo a batalha para um câncer, resolveu acertar contas com o passado e publicou, em 2004, o romance *Os Movimentos Simulados*, pela Record.

Franco Fontana

Formado em Jurisprudência na Universidade de Napoli, o italiano Franco Fontana debutou no teatro em 1967, colaborando com o ator Vittorio Gassman. Sua primeira realização cultural aconteceu dois anos depois com uma apresentação do drama *La Lupa*, de G. Verga, no Aldwych Theatre de Londres com a grande atriz Anna Magnani e a direção de Franco Zeffirelli. Apaixonado cultor musical, no início dos anos 70, no Teatro Sistina de Roma, apresentou grandes artistas internacionais como Miles Davis, Dizzy Gillespie, Nina Simone, Ella Fitzgerald, Ray Charles, Count Basie, Stan Getz, Charles Aznavour, Miriam Makeba, Amalia Rodrigues, Gato Barbieri e tantos outros. É nessa fase que, depois de uma viagem ao Brasil, nasce sua grande paixão pelo povo brasileiro, assim como as amizades fraternas com Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Baden Powell e outros grandes cantores e compositores nacionais. Começa, portanto, um longo percurso de vida profissional dedicado à Cultura Brasileira, na época ainda pouco conhecida na Europa, em nível popular. O caminho foi difícil porque a resposta do público foi modesta, mas, graças à perseverança de Franco Fontana, a música brasileira consolidou seu sucesso na Europa e, naturalmente, na Itália, onde Fontana levou artistas como Chico, Vinícius, Toquinho, Tom Jobim, Baden, Caetano, Jorge Ben, Roberto Carlos, Gal, Bethânia e Elis, entre muitos outros. Para celebrar o atual momento da Cultura Brasileira na Europa e para recordar e festejar com artistas sua atividade pioneira, Franco está organizando, para 2005, na Itália, uma grande homenagem à música, à poesia, à literatura, à arquitetura, à pintura, à dança e ao cinema do Brasil. Atualmente, Franco Fontana também está trabalhando na realização de um musical baseado no romance de Jorge Amado *Dona Flor e seus dois maridos* com músicas de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Toquinho, Jorge Ben e Dorival Caymmi.

Frans Krajcberg

"A natureza para Frans Krajcberg, é um enorme reservatório de energia vital e de poesia visual, o teatro permanente de sua metamorfose (...)" Assim o crítico de arte, Pierre Restany, define o trabalho de Frans Krajcberg. Famoso escultor por suas obras majestosas, imponentes, que se destacam logo no primeiro olhar. Suas peças artísticas chamam a atenção pela beleza, pela criatividade e pelo forte significado que trazem consigo. São um forte chamado para a questão da preservação ambiental. Nascido em Kozienice, na Polônia, em 1921, veio para o Brasil em 1948 e, em 1957, naturalizou-se brasileiro. Deixou a carreira de engenheiro na década de 50 e passou a dedicar-se inteiramente à vida artística. No Rio de Janeiro, chegou a dividir ateliê com Franz Weissmann. Participou da I Bienal Internacional de São Paulo, em 1951 e, a partir de 1964, em Minas Gerais, passou a criar esculturas com troncos de árvores mortas. Desde 1972 mora em Nova Viçosa, no sul da Bahia, onde sua casa está construída sobre um enorme e centenário tronco de árvore. O contato com o meio ambiente faz crescer a já tão imensa inspiração do artista. Realizou diversas viagens à Amazônia e ao Pantanal Mato-grossense. Numa dessas viagens, elaborou, juntamente com Pierre Restany e o pintor Sepp Baendereck, o *Manifesto do Rio Negro*. Publicou, em 1981, o livro *A Cidade de São Luiz do Maranhão*, com fotos de sua autoria e, em 1986, o livro *Natura*. Em 2000, foram lançadas as publicações *Frans Krajcberg Revolta* e *Frans Krajcberg Natura*. Por seu talentoso trabalho, recebeu, em 2002, a *Medalha da Ordem de Rio Branco*. Em Curitiba, foi criado o Espaço Cultural Frans Krajcberg. Com 83 anos de idade, o artista terá, em breve, um museu com seu nome na cidade de Paris e, também, em Nova Viçosa, onde reside há mais de trinta anos.



Fundação Casa Grande

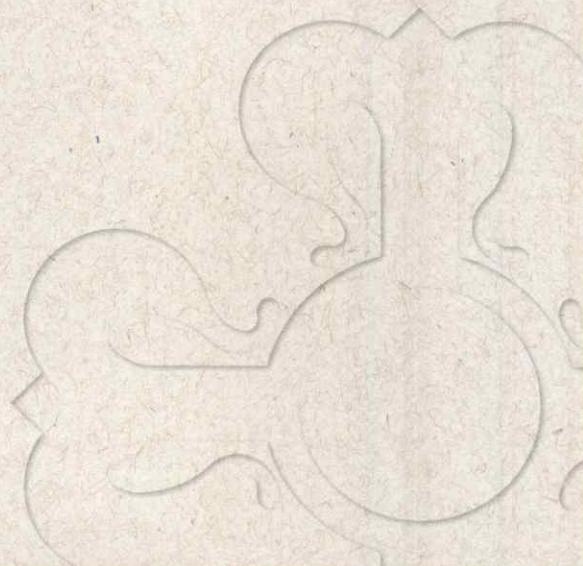
Memorial do Homem Kariri

Um microfone, um estúdio e o mundo pela frente. Foi nas ondas do rádio que crianças e jovens do sertão cearense encontraram o caminho para o intercâmbio e a troca de informações com seus colegas de Moçambique e Angola. Desde 2002, eles produzem programas veiculados pela Rádio Moçambique e, no Brasil, pela rádio comunitária Casa Grande FM, sintonizada pela comunidade de Nova Olinda e outros quatro municípios. A atividade representa uma conquista mais no acompanhamento da juventude pela *Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri*, criada em 1992 pelos músicos Francisco Alembert e Rosiane Limaverde. A arte e a cultura fazem parte da rotina de aproximadamente 70 jovens que freqüentaram as 24 oficinas de capacitação em vídeo e cinema, promovidas pela instituição. A Fundação é um exemplo de inclusão social pela cultura, mas não se limita à capacitação artística. Oferece também acompanhamento escolar aos jovens e às crianças nas áreas de História, Arqueologia, Mitologia, Cultura, Arte e Comunicação. Esse acompanhamento aponta uma melhora no rendimento educacional e reduz a evasão escolar. O *Memorial do Homem Kariri* possui biblioteca, videoteca, museu, laboratório de artes cênicas e visuais. O próximo desafio da instituição é criar um cineclube, com exibição semanal dos vídeos produzidos no laboratório, para preservação e difusão da cultura da região.



Geraldo Sarno

Um dos mais importantes documentaristas do cinema brasileiro, Geraldo Sarno estudou cinema em Cuba, e, ao retornar ao Brasil em 1962, realizou seu primeiro trabalho para o Centro Popular de Cultura, em parceria com Orlando Senna – o documentário *Revolução em Novo Sol*. Em 1964, destacou-se no grupo de jovens cineastas que, sob o comando do produtor Thomaz Farkas, percorreu o Nordeste e as periferias das grandes cidades realizando dezenas de documentários reveladores, um dos mais belos capítulos da história do cinema brasileiro. Sarno foi um pioneiro na utilização de técnicas de filmagem (cinema direto, cinema sincrônico) que alavancaram o desenvolvimento estético do documentário brasileiro, hoje, uma das expressões mais ricas do cinema nacional. Sua vasta filmografia abriga títulos essenciais do documentário brasileiro, tais como *Viramundo*, *Casa de Farinha*, *Padre Cícero*, *Vitalino/Lampião*, *Os Imaginários*, *Jornal do Sertão*, *O Engenho*, *A Cantoria*, *Viva Cariri*, *Espaço Sagrado*, *Deus é um Fogo, Iaô*.



Inezita Barroso



A escolha é unânime: ela é a *Rainha da cultura popular* e símbolo da genuína música sertaneja. Inês Madalena Aranha de Lima – a Inezita Barroso é considerada a primeira dama da música regional brasileira. Nasceu na Barra Funda, em São Paulo. Começou a cantar cedo, aos nove anos de idade. Profissionalmente começou aos 40 anos, escolhendo músicas folclóricas recolhidas por Mário de Andrade na Rádio Clube do Recife. Instrumentista, arranjadora, folclorista e atriz. Incansável, participou de diversos filmes, recebeu vários prêmios como atriz e cantora. Apresentou na *Rádio Record*, o programa *Vamos Falar de Brasil* e outros sobre folclore. Gravou seu primeiro disco em 1951, *Funeral de um Rei Nagô*, além de ter cantado nas rádios *Bandeirantes* e *Nacional*. Suas músicas são inesquecíveis como, por exemplo, *Lampião de Gás*, *O Canto do Mar e Maria do Mar*, *Marvada Pinga, Ronda*. Também se dedicou ao estudo e ao resgate da cultura popular brasileira, realizando gravações divulgadas em diversos países, entre os quais, União Soviética, Israel, Estados Unidos e Japão. Desde os anos 70 comanda o programa *Viola, Minha Viola*, da *TV Cultura de São Paulo*. Com mais de 70 discos gravados, entre 78 rpm, LPs e CDs, já produziu documentários e programas de televisão. Recentemente, gravou CDs com o violeiro Roberto Corrêa e a Orquestra de Violas de São José dos Campos. Seu disco *Danças Gaúchas* foi incluído como material básico de estudo no currículo de muitas escolas brasileiras.

João Donato

No início da Bossa Nova existiam dois Joões. O Gilberto e o Donato. Um tocava violão e, o outro, acordeão. Ambos tinham temperamento reservado e tocavam em seus instrumentos acordes difíceis de serem acompanhados pelos outros músicos. Quando João Donato conheceu João Gilberto, no início dos anos 50, Donato era um músico mais experiente e já possuía a fama de excêntrico. Tornaram-se amigos e as afinidades não ficavam apenas no plano musical. Eram recatados, recolhidos para a música e, juntos, visitavam o *Instituto Pinel*, em Botafogo, só para observar os loucos. João Donato de Oliveira Neto nasceu no Acre, em 17 de agosto de 1934, mas foi criado nas praias do Rio de Janeiro. Teve na adolescência seus primeiros contatos com músicos, que mais tarde fariam parte do movimento Bossa Nova. Formou alguns grupos e ensaiou seus primeiros compromissos profissionais. Só a partir de 1954, começou a ter empregos mais fixos e a tocar para um público fiel e interessado em jazz. Nessa época, em plena efervescência musical, foi considerado o músico mais respeitado e, também, o menos confiável do Rio de Janeiro. Era indeciso e oscilava entre três instrumentos: o acordeão, o piano e o trombone. Só depois de terem lhe roubado o acordeão, e sem disposição de comprar outro, optou pelo piano. Morou 13 anos nos Estados Unidos, onde conseguiu reincorporar a musicalidade afro-cubana ao jazz. João Donato abriu caminho para que, mais tarde, João Gilberto e Tom Jobim fizessem o enorme sucesso que até hoje perdura no exterior. *Amazonas*, *A Rã e Cadê Jodel?* foram as composições de Donato precursoras do que viria a ser chamado de funk. Seu grande disco na fase americana foi *A Bad Donato*.

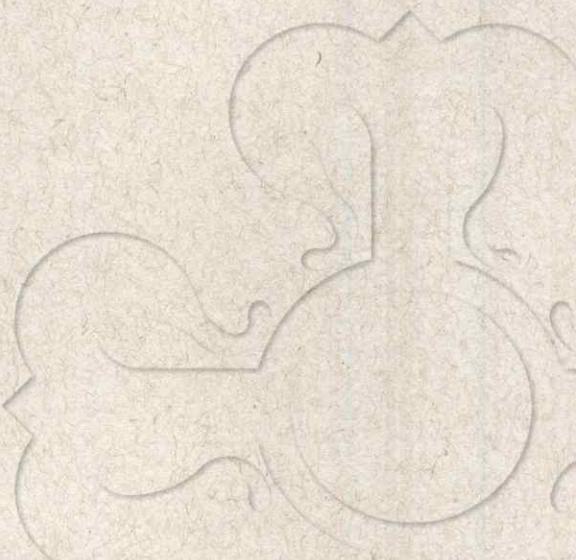
José Júlio Pereira Cordeiro Blanco

Os laços culturais entre Brasil e Portugal são naturais, históricos, imensuráveis. No entanto, necessitam ser constantemente realimentados com atitudes, gestos e iniciativas. Nesse sentido, a participação do português José Júlio Pereira Cordeiro Blanco é de suma importância. Ele integra o Conselho de Administração da *Fundação Calouste Gulbenkian* desde 1974. Atualmente, além de ser responsável pela orientação e direção superior do Serviço de Música e Bailado e de Projetos Internacionais é igualmente responsável pelo *Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, em Paris, localizado na antiga residência do fundador da instituição. No exercício de suas funções, tem se destacado por promover e desenvolver programas de intercâmbio cultural e de cooperação com a *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)*, assim como projetos de preservação da presença portuguesa no mundo. Tem apoiado iniciativas importantes voltadas para a promoção da Língua, da História, da Arte e da Literatura portuguesas e para a preservação do patrimônio histórico português existente em outros países. Dentre elas, destaca-se, no Brasil, a recuperação de monumentos e acervos nas cidades do Rio de Janeiro, São Luís e Petrópolis; seminários, conferências e palestras junto a diversas universidades brasileiras; e, na área literária, a concessão de bolsas para pesquisadores. Destaca-se, também, por divulgar a obra do poeta Fernando Pessoa, trabalho que realiza paralelamente às suas atividades na Fundação.



Lia de Itamaracá

"Essa ciranda/ Quem me deu deu foi Lia que mora na ilha/ De Itamaracá". Eis a doce melodia que eterniza o trabalho de Maria Madalena Correio do Nascimento, nascida em 1944, na Ilha de Itamaracá – a cerca de 40 quilômetros da cidade do Recife (PE). Desde os 11 anos, Lia entoa as cirandas – manifestação que, de certo modo, simboliza a cultura regional pernambucana. Mas foi aos 18 anos que tornou-se nacionalmente conhecida, após compor em parceria com Teca Calazans uma canção cujos versos soam quase como um hino da música popular. Lia de Itamaracá é uma mulher que impressiona pelo porte altivo e pela voz potente e afinada. É comumente chamada de *Rainha da Ciranda*. No entanto, ao longo de mais de 40 anos dedicados à música, conta apenas com dois discos gravados. Apesar disso, já fez excursões por todo o Brasil e por alguns países do estrangeiro – sempre conquistando e cativando os públicos. Além das cirandas, Lia de Itamaracá também divulga outras expressões do cancionista nordestino, como o Coco e o Maracatu – ritmos de tradição afrodescendente.



Liz Calder



Ela é responsável por uma das maiores festas literárias do Brasil neste século – a *Feira Literária Internacional de Paraty (Flip)*. A editora inglesa Liz Calder trabalhou como modelo em São Paulo, quando tinha 25 anos, entre 1964 e 1968. Fala português e se refere a São Paulo como "uma cidade extremamente excitante". Calder é sócia-fundadora da *Bloomsbury* de Londres, uma das editoras mais ativas do mercado de língua inglesa. Foi ela quem descobriu e vendeu o mega *best-seller Harry Potter*, que levou milhares de crianças e adolescentes do mundo inteiro às livrarias e aos cinemas para descobrir as façanhas da personagem do pequeno mágico, que dá nome ao livro e ao filme. Das passarelas à empresária do ramo literário, Liz Calder, que é ainda presidente de honra da ONG *Casa Azul*, gasta seu tempo vago com as letras, organizando festivais literários como o de *Hay-on-Wye*, no País de Gales, e a *Festa Literária Internacional de Paraty (Flip)*, realizada no início de agosto de 2004, na bela cidade do litoral fluminense. Calder se tornou, em Paraty, uma espécie de embaixadora da literatura brasileira. Ela espera que, com a qualidade literária que possui, o escritor brasileiro encontre mais facilidade em editar seus livros no exterior. Em sua editora *Bloomsbury*, no bairro londrino de mesmo nome, encontra-se obras de autores como a canadense Margaret Atwood; a Prêmio Nobel sul-africana, Nadine Gordimer; além de ícones e *best-sellers* modernos, como o norte-americano Don DeLillo, ganhador do *National Book Award* com *Ruído Branco*, e de estrelas pop como Bono Vox, vocalista da banda *U2*; Caetano Veloso e Mikhail Baryshnikov.

Márcia Haydée

A *prima-ballerina*, diretora e coreógrafa Márcia Haydée possui não só a distinção de ser considerada pela crítica internacional como a maior bailarina dramática do século XX, mas também o título de "musa" de grandes coreógrafos do mundo como Maurice Béjart, Kenneth MacMillan, Glen Tetley, John Neumeier e, especialmente, John Cranko (verdadeiro *Pigmaleão* de Márcia). Márcia Haydée nasceu em Niterói, no Rio de Janeiro, em 18 de abril de 1937. Mais de 60 papéis principais foram criados para a brasileira Márcia como resultado desta proficia parceria, a destacar os balés *Onegin*, *Megera Domada* e *Romeu e Julieta* – verdadeiros clássicos do balé de repertório agora na programação dos maiores teatros e companhias do mundo. Após a morte de Cranko, em 1973, Haydée assumiu a direção da Companhia de Stuttgart, tendo feito espetáculos com o *Stuttgart Ballet* e como convidada em teatros como *Opera de Paris*, *La Scala* e *Convent Garden*, ao lado de *partners* como Rudolf Nureyev, Mikhail Baryshnikov, Erik Bruhn, Jorge Donn e, em especial, seu parceiro de palco e vida Richard Cragun, com quem estabeleceu memorável parceria e a criação de vários balés e papéis que se inscrevem e se confundem com a história do balé da segunda metade do século XX. Após duas décadas como diretora em Stuttgart, Márcia continua se apresentando nos grandes palcos mundiais em trabalhos como atriz e bailarina e, atualmente, dirige o *Balé de Santiago*. Seus vínculos artísticos com o Brasil continuam por intermédio da *DeAnima Ballet Contemporâneo* que, em parceria com Richard Cragun, tem importante papel na promoção das atividades sócio-culturais do grupo para mais de duzentos jovens das comunidades carentes do Rio de Janeiro e Niterói.

Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau

Quem nasceu entre os estados do Ceará, Pernambuco e Piauí – na pequena cidade cearense do Araripe – morou e estudou no Rio de Janeiro e se formou em Sociologia pela PUC carioca, não poderia ter destino diferente... Violeta Arraes é hoje um testemunho vivo da educação como instrumento de mudança. Irmã do ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes, tem a vida marcada pelo brilho de atuação e comprometimento com a Cultura Brasileira. Junto com Paulo Freire, fundou em Recife, no início da década de 60, o *Movimento de Cultura Popular* e participou dos movimentos de educação de base, ligando-se ao Cinema Novo e ao mundo artístico e literário. Violeta Arraes foi expulsa do País em 1964 pelo regime militar. Exilou-se na França e ao lado do marido, Pierre Gervaiseau, onde coordenou e produziu vários eventos nas áreas cinematográfica, teatral e musical, para difundir a cultura brasileira na Europa. Atuou na tradução de livros e na organização de debates sobre cultura brasileira, além de promover e participar de grupos de reflexão sobre os problemas sociais e políticos dos países da América Latina. Também trabalhou em projetos culturais e de proteção ambiental. Em 1997, Violeta Arraes assumiu mais um desafio: a Reitoria da *Universidade Regional do Cariri* (URCA). Lá está até hoje, onde tenta, incansavelmente, realizar a dinamização da cultura do sertão e a valorização do Projeto Araripe, cuja linha mestra é o desenvolvimento humano regional sustentável.



Vó Maria

Maria das Dores dos Santos Conceição, a Vó Maria, gravou o seu primeiro disco aos 92 anos. Nascida em 1911, em Mendes (RJ), Vó Maria casou-se três vezes. Moderna para os padrões da época, durante o movimento de luta das mulheres negras contra o racismo, conheceu seu segundo parceiro, o jornalista João Conceição, um dos pioneiros do Movimento Negro no Brasil. Viúva por duas vezes, na década de 60 casou-se com Donga, compositor do clássico *Pelo Telefone*, o primeiro samba gravado no Brasil. A união de 15 anos trouxe para sua vida o contato direto com parte dos maiores criadores da música brasileira do século XX. A convivência direta com criadores como Pixinguinha, Jacó do Bandolim, João da Baiana, Benedito Lacerda, Aniceto do Império, e os iniciantes Martinho da Vila, Clara Nunes e João Nogueira, tornou Vó Maria cúmplice do surgimento de diversos clássicos brasileiros. Apesar de ter nascido em uma família ligada à música, de ter um belo timbre e grande afinação, ela dedicou sua vida ao trabalho de tarefeira da Fábrica de Rendas, no bairro da Muda. Aos 89 anos, estimulada por suas netas, Vó Maria começou a freqüentar as rodas de samba do *Museu da Imagem e do Som*, no Rio de Janeiro, onde fez apresentações de sambas antológicos, alguns inéditos, sendo invariavelmente ovacionada pelo público. Com o sucesso das participações, recebeu, em 2003, o convite para gravar o primeiro CD, *Maxixe Não é Samba*, editado pelo Instituto Ricardo Cravo Albin, produzido por Marília Barboza e com o apoio do Ministério da Cultura. Vó Maria demonstra que, por quase cinqüenta anos, manteve em suas veias o fino samba, suas raízes e emoções.

Mauricio de Sousa

Ele é o grande tio das crianças brasileiras. Na verdade, as divertidas histórias da *Turma da Mônica* conquistaram, além das crianças, os adultos do Brasil e do mundo. Desde que as primeiras tiras em quadrinhos para jornal foram criadas pelo desenhista Mauricio de Sousa, em 1959, houve uma identificação crescente do público leitor com aquela turma maravilhosa. Com uma linguagem simples, direta e bem-humorada, os personagens *Cebolinha*, *Mônica*, *Cascão* e companhia permitiram que centenas de campanhas fossem desenvolvidas e complexos conceitos fossem assimilados, especialmente pelas crianças. Até o final da década de 60, as criações de Mauricio de Sousa foram publicadas em mais de 200 jornais. Ele nasceu numa cidadezinha paulista chamada Santa Isabel, em 1935, e, antes da famosa turma, o desenhista criou uma série de tiras em quadrinhos com o cãozinho *Bidú* e seu dono *Franjinha*. Mostrou o material para os redatores do jornal *Folha de S. Paulo* e as historietas foram aceitas. O jornalismo perdeu um repórter policial e ganhou um desenhista que usa suas criações em campanhas sociais. A instituição Mauricio de Sousa Produções está desenvolvendo programas institucionais voltados para a comunidade há mais de uma década. Com o *Instituto Cultural Mauricio de Sousa*, o desenhista participa de programas nas áreas de Saúde, Educação, Meio Ambiente e Cultura, usando a força de comunicação da Turma da Mônica. Um exemplo é a releitura de obras de artistas famosos, nos quais os personagens são retratados. *Cebolinha*, por exemplo, se transforma em *O Pensador*, famosa escultura de Auguste Rodin. Antenado com a nova ordem mundial, o desenhista está criando três novos personagens para a sua turma: *Dorinha*, uma deficiente visual, *Da Roda*, um deficiente físico, e *Bloguinho*, um menino apaixonado pela Internet. Uma louvável tentativa de inclusão dos portadores de necessidades especiais em qualquer turma.

Movimento Arte Contra a Barbárie

A independência de pensamento e a necessidade de uma reflexão vertical sobre a arte e a sociedade, suas conjugações e implicações, têm sido alguns dos fundamentos que geraram e mantêm o *Movimento Arte Contra Barbárie*, iniciado no dia 10 de maio de 1998, no *Teatro Aliança Francesa*. Nesta data, cidadãos ligados ao teatro e à cultura se reuniram, pela primeira vez, para discutir e encaminhar as propostas de uma política cultural pública e democrática nos níveis federal, estadual e municipal. Não surgia um grupo, mas um movimento apartidário, de caráter reflexivo, disposto a mudar os rumos das artes cênicas brasileiras num momento em que o teatro se encontrava em plena crise. Em março de 1999, o grupo lançou seu *Primeiro Manifesto*. No ano seguinte, mais dois manifestos, sendo o último assinado por mais de 600 artistas, intelectuais e produtores culturais. Como uma das propostas de ação, o movimento inaugurou, em julho de 2000, o *Espaço da Cena*. Nesse período, intelectuais como Milton Santos, Paulo Arantes, Eugênio Bucci, Maria Rita Khell, José Roberto Sadek entre outros, participaram do projeto. O primeiro *Espaço da Cena* deu origem a um grupo de trabalho que desenvolveu o *Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo*, projeto de lei apresentado na Câmara Municipal por meio do vereador Vicente Cândido. Em dezembro de 2001, foi aprovado em unanimidade pela Câmara dos Vereadores de São Paulo e oficializado como lei pela prefeita Marta Suplicy, em janeiro de 2002.



Odete Lara

Musa da Bossa Nova e do Cinema Novo, a paulista Odete Lara, nascida em 1929, foi símbolo sexual de toda uma geração. Bela e talentosa, escandalizou o Brasil em *Noite Vazia* (1964), de Walter Hugo Khoury. No filme, ela e Norma Bengell realizam as fantasias de um cliente. A cena não escapou da fúria dos moralistas da época. Ela foi reconhecida como uma das brasileiras mais bonitas do século XX. Mas a musa também sentiu a solidão paradoxal das beldades. Enfrentou tragédias pessoais e, ainda assim, construiu uma carreira sólida, tornando-se uma das atrizes mais importantes e transgressoras do cinema nacional, valorizada por diretores como Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos. Teve a infância e adolescência bastante trágicas: a mãe cometeu suicídio quando ela tinha 6 anos e, o pai, quando ela estava com 18. Órfã e pobre, tornou-se modelo. Adulta, viveu fortes paixões. Casou-se com o dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha, e com o diretor de cinema Antônio Carlos Fontoura, mas não teve filhos. Odete acompanhou o apogeu do rádio, o início da *TV Tupi*, o *Teatro Brasileiro de Comédia*, o Cinema Novo e a Bossa Nova. Mas foi no cinema que ela encontrou sua expressão. "O palco me dava pavor, já da câmera eu me sentia íntima", lembra a atriz, que abandonou a carreira em 1974. Recebeu no *Festival de Gramado* o prêmio Oscarito, por sua contribuição ao desenvolvimento do cinema brasileiro. Publicou três livros autobiográficos, *Eu nua, Minha Jornada Interior e Meus Passos na Busca da Paz*, além de traduzir várias obras sobre o budismo. Foi homenageada com o filme *Lara*, de Ana Maria Magalhães, baseado na história de sua vida.



Olga Praquer Coelho

O povo brasileiro foi sua inspiração. Soprano. Violonista. Desde criança gostava de cantar. Sua iniciação musical foi feita pela mãe que era pianista. Dona de extraordinária voz, a amazonense Olga Praquer Coelho nasceu em Manaus no dia 12 de agosto de 1916. Vários compositores lhe dedicaram obras e transcrições para voz e violão, destacando-se no conjunto dessas a da *Bachianas nº 5* de Villa-Lobos (original para oito violoncelos), feita especialmente para ela. A obra foi estreada com enorme sucesso em concerto no *Town Hall* em Nova Iorque, contando com a presença de Segóvia e Villa-Lobos na platéia. Em 1942, gravou na *RCA Victor* o coco *Meu limão, meu limoeiro* e a modinha *Quando meu peito...*, de domínio público. Na década de 50, jornais de várias nacionalidades destacaram a beleza de sua arte. Em 1931, gravou sete discos na *RCA Victor* (14 músicas), entre as quais adaptações de canções tradicionais – tipo de trabalho que caracterizaria sua carreira artística, como a modinha *Róseas Flores* e o lundu *Virgem do Rosário*, além da canção *Luar do Sertão*, de João Pernambuco e Catulo da Paixão Cearense, e a modinha *Gandoleiro do Amor*, motivo popular com versos de Castro Alves. Gravou ainda com Pedro Vargas, o lamento *Canto de Expatriação*, de Humberto Porto, e o acalanto *Boi, boi, boi*, de domínio popular com adaptação de Georgina Erisman. Foi indicada pelo governo Vargas como Embaixatriz do Brasil no *Congresso Internacional de Folclore*, realizado em Berlim na Alemanha. Em 1937, partiu para Europa, onde teve aulas de canto com Rosner. Em 1938, mais um disco na *Victor*, com o registro da modinha *Mulata*, com tema popular e versos de Gonçalves Crespo, e a macumba *Estrela do Céu*, uma adaptação sua de um motivo popular. Em 1939, apresentou-se, em Lisboa, empreendendo em seguida uma turnê pela Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

Orlando Villas-Bôas (in memoriam)

Um dos maiores e mais significativos nomes de sertanistas e indigenistas que o Brasil e o mundo conheceram. Nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, em 12 de janeiro de 1914, e foi casado com Marina, sua grande companheira, com quem teve dois filhos. Ao lado do marechal Cândido Rondon, do antropólogo Darcy Ribeiro e do sertanista Noel Nutels, ajudou, juntamente com seus irmãos Cláudio, Leonardo e Álvaro, a idealizar e fundar o *Parque Nacional do Xingu*, em 1961, a mais importante reserva indígena das Américas. A criação desse parque visava preservar a fauna e a flora ainda intocadas da região e, principalmente, resguardar as culturas indígenas da área. Esse foi um dos maiores legados da *Expedição Roncador-Xingu*, criada pelo Governo Federal no início de 1943 com o objetivo de conhecer e desbravar as áreas mostradas em branco nas nossas cartas geográficas. Graças a essa iniciativa, um pedaço do Brasil Central foi colonizado. Por causa do trabalho que desempenhou junto às tribos do Xingu, o nome do humanista foi indicado ao *Prêmio Nobel da Paz*, em 1976. Os irmãos Villas-Bôas conseguiram implantar uma nova forma de relacionamento entre nossa sociedade e as comunidades indígenas brasileiras. Ao invés do rifle e da arma que tanto amedontra, Orlando e seus irmãos adotaram o abraço, o respeito e as palavras como aliados na grande missão. Filho de fazendeiros era apaixonado por desafios, principalmente o de fazer o que acreditava ser certo. Seu trabalho em defesa dos povos indígenas brasileiros é motivo de orgulho para o Brasil.

Ozualdo Ribeiro Candeias

"Agora não se fala mais/ Toda palavra guarda uma cilada/ E qualquer gesto é o fim/ Do seu início". Estes versos do poema que Torquato Neto compôs formam o cenário ideal para melhor se perceber o cinema de Ozualdo Candeias e, particularmente, seu primeiro filme de longa-metragem - *A Margem* -, inserido no contexto de São Paulo, 1967, entre o Cinema Novo e o Cinema Marginal, pouco depois da Vila Cruz, pouco antes da Pernambucada, entre o Instituto Nacional de Cinema e a Embrafilme, entre o golpe de 1964 e o Ato Institucional nº 5 de 1968. Ozualdo Ribeiro Candeias nasceu no dia 20 de agosto de 1922, em Cajubi, no estado de São Paulo. Quando *A Margem* foi exibido, toda a gente do País, assim como seus personagens e, principalmente, o narrador encontraram-se confinados à margem pela ditadura. Seu jeito mais de cinema silencioso que sonoro, mais fragmentado que contador de histórias, parecia mostrar como todo o País então se sentia, cinema emudecido. O filme *A Margem* foi feito com um mínimo de recursos num tempo de radicalização política. O filme surgiu como um libelo poético sobre os deserdados da sociedade urbana. O título da obra continha o germe do movimento Cinema Marginal que só se firmaria depois. Ao contrário da grande maioria dos cineastas brasileiros, Ozualdo Candeias vem de uma classe baixa. Roteirizou, dirigiu, fotografou e montou a maioria de seus onze longas-metragens, dois médias e onze curtas-metragens. Criou verdadeiras obras-primas do cinema nacional como, também, *A Herança* - considerada uma das melhores adaptações da obra de Shakespeare -, *Meu Nome é Tonho, Candinho, A Visita do Velho Senhor*, entre outros.



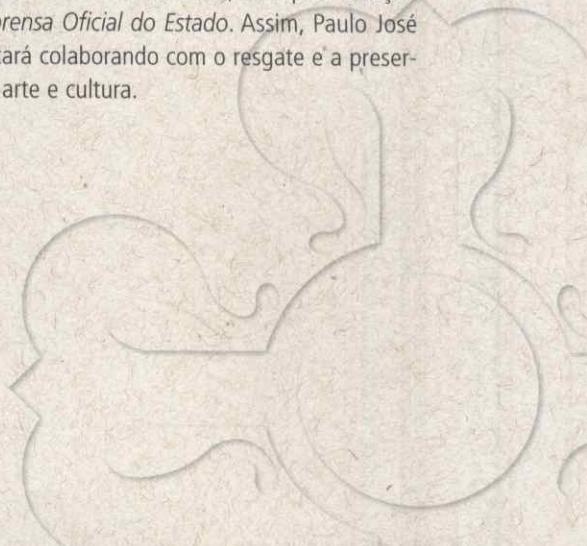
Paulo Mendes da Rocha

A arquitetura brasileira é conhecida pela talentosa safra de profissionais de competência internacional. Entre eles, um dos maiores arquitetos do País, Paulo Archias Mendes da Rocha, da geração pós Vilanova Artigas. Reconhecido no Brasil e exterior por seu trabalho, Mendes da Rocha nasceu em 25 de outubro de 1928, em Vitória, Espírito Santo. Formou-se pela *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie*, em 1954. Nesse período, quando a faculdade ainda estava ligada a um modelo historicista de arquitetura, Mendes da Rocha passou a integrar um grupo de alunos interessados na arquitetura moderna, como Jorge Wilhein e Carlos Millan. A arquitetura proposta por Vilanova Artigas influenciou o jovem Mendes da Rocha já em seu primeiro grande projeto – o *Clube Atlético Paulistano*. Nessa obra tornou-se evidente seu gosto pelo uso do concreto aparente, fechamentos em vidro, grandes espaços abertos, entre outros elementos que viriam a caracterizar a Escola Paulista, como era chamada a arquitetura feita por arquitetos paulistas, inspirada no estilo internacional. Em 1961, Mendes da Rocha começa a lecionar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em meio a um intenso debate social promovido por professores e alunos. Naquele momento, discutia-se o papel social do arquiteto – tema que nada agradou o governo militar instalado no País em 1964. Em decorrência desse episódio, em 1969, seus direitos políticos foram cassados. Mendes da Rocha foi proibido de lecionar. O arquiteto só voltaria às salas de aula em 1980, juntamente com outros professores cassados, dentre eles, Vilanova Artigas.



Paulo José

Seu nome está intrinsecamente ligado à história do teatro, do cinema e da televisão brasileira. Ator, diretor, iluminador, figurinista, maquiador, cenógrafo, tradutor, produtor, administrador e homem de conhecimentos enciclopédicos, Paulo José é muito mais do que um dos mais famosos e consagrados atores brasileiros. Um dos criadores do antológico grupo do *Teatro de Arena de São Paulo*, e um dos poucos atores brasileiros consagrados pelo cinema, principalmente com o êxito dos hoje clássicos *Todas as Mulheres do Mundo*, de Domingos de Oliveira e *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade. Só depois é que foi para a televisão, onde criou o inesquecível Shazam, e brilhou em papéis dramáticos como ator e, mais tarde, como diretor de programas como *Você Decide* e minisséries como *O Tempo e o Vento*. Paulo José é avesso a elogios, mas não esconde fatos de sua vida particular ou profissional. Recorda, com ternura, seu casamento com outra grande estrela, Dina Sfat, o carinho que tem pelos filhos e sua luta contra a doença. Uma trajetória que é uma lição de arte e de vida. Um livro com depoimentos relatados à sua amiga, a jornalista Tânia Carvalho, sairá pela Coleção *Aplauso da Imprensa Oficial do Estado*. Assim, Paulo José acredita que estará colaborando com o resgate e a preservação de nossa arte e cultura.



Pelé

É gol. Milhares. De todos os jeitos, lugares, modos e estilos. Alguns, de placa, verdadeiras obras de arte. Mais de 1.200 gols em toda uma trajetória esportiva. Tal marca concretiza a imagem de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, como o maior atleta de toda a história. Mas hoje é homenageado com a *Ordem do Mérito Cultural* por seus outros gols, estes bem culturais, que marcaram e difundiram a cultura brasileira pelo mundo. Mineiro de Três Corações, cidade do interior de Minas Gerais, e nascido em 23 de outubro de 1940, Pelé conquistou o coração e a alma dos brasileiros e dos amantes do futebol com a camisa verde e amarela. Carregava, ali, os vários Brasis desse Brasil brasileiro. Em 1958, aos 17 anos, conquistou a Copa do Mundo da Suécia. Em 1962, conquistou, pela segunda vez consecutiva, a Copa do Mundo realizada no Chile e, doze anos depois, Pelé conquistaria a Copa do Mundo do México e o Brasil tornava-se o único País tricampeão mundial de futebol. A partir desta data, a marca Pelé consolidou-se para sempre. Sua contribuição para a cultura brasileira se deu pela difusão do esporte como um meio de integração e promoção da paz entre todos os povos. Nações mais longínquas passaram a saber mais sobre o Brasil através da figura de Pelé. Pelé, ex-ministro dos Esportes, ajudou a divulgar a imagem de um Brasil moderno, pacífico e pluricultural nas inúmeras ocasiões em que esteve nas sedes de organismos internacionais. O atleta marcou sua despedida do futebol ainda na década de 70, quando levou o New York Cosmos ao título de campeão norte-americano de futebol.

Povo Panará

A história Panará é um exemplo de resistência. Panará quer dizer *Krenakore* que significa *gente*. É a história de um povo que se expressa em língua da família *Jê* e vive em regiões reservadas nos estados do Pará e Mato Grosso. Hoje são poucos, cerca de 250. Seu contato com a civilização é recente, data de 1973, quando a estrada Cuiabá-Santarém estava em construção e cortava seu território tradicional na região do Rio Peixoto-Azevedo. A violência do contato dizimou 2/3 da população devido às doenças e à violência dos massacres. Em 1975, a Funai os transferiu para o *Parque Indígena do Xingu*. Os Panará viveram durante 20 anos exilados. Só depois desse tempo é que reconquistaram o que ainda havia de preservado em seu antigo território, onde construíram uma nova aldeia. Além dessa vitória, alcançaram um feito inédito na história dos povos indígenas e do indigenismo brasileiro quando, em 2000, ganharam nos tribunais contra a União e a Funai uma ação indenizatória pelos danos materiais e morais causados pelo contato, quando da construção da Rodovia Cuiabá-Santarém. Tal vitória, além de ter assegurado uma permanência segura em suas terras, é uma ação reparatória, exemplar e única, não só para os Panará, mas para todas as populações indígenas no Brasil.





Pracatum – Escola Profissionalizante de Músicos

Fervilhante como as idéias de Carlinhos Brown, o projeto é a prova viva de que é possível transformar traumas em criatividade e que a arte, quando somada ao desejo de mudança, torna-se a principal via de esperança e transformação coletiva. *Pracatum* e o som dos tambores nas ruas do Candeal Pequeno, comunidade de Salvador, mudaram uma história de violência e drogas em alegria e harmonia. Meninos e meninas de famílias de baixa renda, sem a menor perspectiva de futuro, trocaram as armas pelo batuque dos tambores. É na *Escola de Música de Pracatum* que a tradição sonora afro-baiana se renova a cada dia. O curso de música dura quatro anos, com 20 horas de aula por semana. Como requisito, o aluno tem que comprovar matrícula numa escola de ensino fundamental ou médio. O objetivo da *Pracatum* é despertar, na garotada, a criatividade e a auto-estima. O forte da instituição é a percussão e o timbal, símbolo do projeto, mas há espaço para outros instrumentos. A rotina diária de cerca de 200 jovens é feita de teoria e muita prática. Alguns alunos já tocaram com importantes músicos brasileiros, como Ivete Sangalo e Arnaldo Antunes, ex-Titãs. O projeto social inclui ações que se estendem a toda comunidade do Candeal. O programa *Tá Rebocado*, por exemplo, em cinco anos possibilitou a construção de 122 casas e a reforma de outras 252. Eles mesmos organizaram um grupo voluntário de agentes de saúde, o *Candeal Presente*, que orienta as famílias do bairro, e um programa de saúde bucal para crianças. Carlinhos Brown conseguiu mobilizar entidades do Governo e a iniciativa privada em torno da iniciativa e a realidade do Candeal hoje é outra. A região de ruas com esgoto a céu aberto e alto índice de criminalidade se transformou em uma das áreas mais visitadas da capital baiana, ponto de referência até para turistas estrangeiros. Recentemente, o projeto foi escolhido pelo Banco Mundial e pela ONU (Organização das Nações Unidas) como um dos 100 melhores exemplos de desenvolvimento local.

Projeto Dança Comunidade – Espetáculo “Samwaad – Rua do Encontro”

Que bom seria se todos os brasileiros pudessem cruzar a rua imaginária de Ivaldo Bertazzo – rua de encontros entre culturas e povos, rua de encantos entre melodias e gestos. Em *Samwaad – Rua do Encontro*, Bertazzo conseguiu unir o requinte da criação, sofisticação estética e técnica apurada com uma prática bem-sucedida de arte-educação. Ao reunir Brasil e Índia no corpo; no som e na dança de crianças e adolescentes em situação de risco, Bertazzo nos deu, ao mesmo tempo, duas lições. Mostrou que, de fato, a arte desempenha papel crucial na superação de obstáculos e problemas sociais. Também mostrou que os processos culturais só crescem e se consolidam dentro de processos de integração. Desde os anos 70, Ivaldo Bertazzo vem desenvolvendo trabalhos com os chamados *cidadãos-dançantes*: representantes engajados na cidadania da dança, vindos das mais variadas classes sociais e áreas de atuação. Paulistano da Mooca, Bertazzo começou a dançar aos 16 anos. Teve aulas com bailarinos renomados e viajou pelo mundo afora, até que assumiu o desafio de ensinar meios de capacitar a expressão humana pela reeducação da motricidade. A base de seu trabalho está no princípio de que no corpo sempre se operam nossas transformações. Ao longo desses últimos anos, Bertazzo vem trabalhandoativamente com comunidades carentes. Um exemplo marcante é projeto envolvendo os meninos do Complexo da Maré, Rio de Janeiro. Desde março de 2000, cerca de 70 adolescentes amparados pelo *Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré* (Ceasm), de 12 a 20 anos, participam de um projeto de experimentação dos princípios da coordenação motora, segundo o método de Bertazzo. Esse trabalho propiciou três espetáculos: *Mãe Gentil* (2000), *Folias Guanabaras* (2001) e *Dança das Marés* (2002).

Pulsar Companhia de Dança

Criada em 2000, no Rio de Janeiro, a *Pulsar Companhia de Dança* integra o *Núcleo de Coreógrafos da Escola e Faculdade Angel Vianna*. Composta por bailarinos não-portadores e portadores de necessidades físicas, demonstra imenso talento ao superar, em beleza e qualidade técnica, as adversidades e limitações do corpo. Nos últimos anos, vem desenvolvendo trabalhos e pesquisas de movimento por meio de dança e consciência corporal. Busca a singularidade na identidade de cada intérprete como fonte de criação e inventividade. Já se apresentou nos Teatros *Dina Sfat*, *Cacilda Becker*, *Villa-Lobos*, *Teatro da Caixa Econômica Federal*, no Rio de Janeiro e em Brasília, nos festivais *Arte Sem Barreiras*, em todo País, além de vários festivais de dança. Seu caráter inclusivo é utilizado como fonte de pesquisa, principalmente em estudos sobre movimentos. É dirigida pela coreógrafa *Teresa Taquechel*, graduada em Dança Contemporânea e Reabilitação Motora, pela Escola de Dança *Angel Vianna*. Neste ano, a *Pulsar Companhia de Dança* foi selecionada para representar os brasileiros no *Very Special Arts Festival 2004*, na cidade de Washington, nos Estados Unidos. Foi premiada no *Festival Gisele Tápias*, integrou a *Mostra Novíssimos* no Panorama RioArte de Dança e foi agraciada com o *ProCena*.

Rachel de Queiroz (in memoriam)

Romancista, teatróloga, cronista, professora e jornalista, foi a primeira mulher a entrar para a *Academia Brasileira de Letras*, em novembro de 1977. Cearense, nascida em Fortaleza, era parente do grande *José de Alencar*. Sua formação escolar vai até o curso normal e, em 1925, formou-se professora. Seu primeiro romance, *O Quinze* (1930), que narra o drama da seca nordestina, foi publicado quando tinha apenas vinte anos. O livro conquistou o *Prêmio Fundação Graça Aranha*, possibilitando à autora dar início a uma brilhante trajetória de vida dedicada à produção literária, cujas criações lhe renderam inúmeros reconhecimentos, como, por exemplo, o *Prêmio Machado de Assis*, da *Academia Brasileira de Letras*. Entre suas principais obras, estão os romances *João Miguel*, *Caminho de Pedras*, *As Três Marias*, *Dôra Doralina*, *O Galo de Ouro*, *Obra Reunida e Memorial de Maria Moura*, que virou minissérie na televisão. Grande cronista, também esteve presente na literatura infanto-juvenil. Como dramaturga, escreveu as peças *Lampião* e *A Beata Maria do Egito*, entre outras. Traduziu dezenas de obras, dentre elas, *A Mulher de Trinta Anos*, de Honoré de Balzac, *A Intrusa*, de Henry Bellamann, e *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Bronte. Sua estréia no jornalismo aconteceu no ano de 1927, no jornal *O Ceará*, sob o pseudônimo de *Rita de Queluz*. Dinâmica e incansável, a escritora morou em diversas cidades, dentre elas, Fortaleza, Rio de Janeiro, Belém do Pará e São Paulo. Uma de suas características marcantes foi o gosto pela vida política. Recentemente, o Brasil perdeu uma de suas figuras mais ilustres, pouco antes de completar 93 anos de idade.



Renato Russo (in memoriam)

"Que País é este?" Perguntavam Renato Russo e sua trupe em 1987, arrastando a juventude – a geração Coca-Cola – para os shows da eterna *Legião Urbana*. Seus versos refletiam o desamparo, o vazio de propostas e projetos e o "estar perdido, deslocado" de toda uma geração pós-ditadura militar. O País passava por um processo de mudanças políticas e sociais, de ruptura e renovação de costumes, mas insuficientes ainda para responder as inquietações registradas nas letras desse poeta, criado nas superquadras de Brasília. Nascido no Rio de Janeiro, em 27 de março de 1960, Renato morreu cedo, mas deixou uma legião de admiradores e seguidores, alguns que nem chegaram a conhecer sua performance no palco, embora conheçam seus versos inquietantes que dão alma às músicas da *Legião Urbana*. Autor de belíssimas composições e vocalista de uma das principais bandas nacionais, Renato Russo conquistou lugar de destaque no cenário musical brasileiro. Músicas como *Será*, *Índios*, *Há Tempos*, *Quase Sem Querer, País e Filhos* – todas de autoria de Renato – imortalizaram a *Legião Urbana* e seu trabalho no moderno rock brasileiro. A banda lançou oito discos até a morte do vocalista, em 1996. Renato gravou dois discos solos, um com músicas italianas e outro lançado postumamente. A morte só reativou a mitologia do ídolo. Oito anos após seu falecimento, ele é considerado um dos maiores ídolos de todos os tempos da MPB. Era também apaixonado por cinema, literatura e filosofia. Indignava-se, ainda, com a falta de ética, preconceitos e injustiças. Sua vida impulsiva, repleta de amores, desafios e poesia será transformada em filme pelo roteirista Luiz Fernando Borges e pelo cineasta Antônio Carlos da Fontoura.

Teatro Oficina Uzyna Uzona

Marco da história do moderno teatro paulistano, brasileiro e mundial, o Teatro Oficina foi símbolo do Tropicalismo e responsável pela formação de centenas de atores ao longo de suas décadas de existência. Fundado em 1958 por José Celso Martinez Corrêa (Zé Celso), Borghi, Amir Haddad, Jorge da Cunha Lima e outros, o grupo apresentou, entre as suas principais montagens, textos de Eurípedes, Shakespeare, Artaud, Nelson Rodrigues, Jean Genet. O Oficina foi crucial no lançamento do Tropicalismo, estética ligada ao movimento antropofágico de Oswald de Andrade. Seu fundador e atual líder, Zé Celso, foi responsável por trazer ao palco *O Rei da Vela* (1967), inaugurando nova fase no teatro brasileiro, com novos limites estéticos, e passando por várias formas de interpretação. Fechado em 1974 devido à censura, teve suas portas reabertas em outubro de 1993, com a adaptação de *Hamlet*, de Willian Shakespeare. Dirigido por Zé Celso, o espetáculo recebeu os prêmios *Shell* e *Mambene* de melhor direção. Hoje, o novo Oficina, intitulado "Uzyna Uzona", é responsável pela montagem da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, levada ao teatro na mesma estrutura do livro, em três capítulos: *A Terra* (2002), *O Homem* (2003) e *A Luta* (com previsão de estréia para 2005). Sob a liderança de Zé Celso, o grupo continua em intensa atividade, não apenas realizando espetáculos, mas abrindo espaços para debates e obras experimentais e lutando. Atualmente, seu maior projeto é o de construir um *Teatro de Estádio* no Bairro do Bixiga, em São Paulo, onde funcionaria escola para as crianças e moradores do bairro.

Walter Firmo

Um clique e a eternidade. Quem não se lembra daquela foto do velho mestre Pixinguinha sentado, segurando carinhosamente seu sax, numa cadeira de balanço? Pois bem, a foto é de Walter Firmo Guimarães da Silva, que nasceu em São Cristóvão, Rio de Janeiro, em 1937. Formado em Fotojornalismo, Firmo tem passagem marcante na história da fotografia brasileira. Estreou no *Jornal Última Hora*, em 1957, e desde então passou a atuar nos mais importantes veículos de imprensa escrita brasileira, como o *Jornal do Brasil* e as revistas *Realidade*, *Manchete*, *Veja* e *Isto É*. Em 1986, dirigiu o Instituto Nacional de Fotografia da Funarte e, desde 1992, compartilha seu conhecimento fotográfico em cursos por todo o País. Ainda hoje mostra toda a sua garra e empolgação pela fotografia enfrentando grandes desafios e cansativas viagens em busca de fotos únicas, de uma expressão artística peculiar. Walter Firmo faz poesia das imagens que vê, com sensibilidade e a experiência de uma vida inteira dedicada ao fotojornalismo. Firmo já realizou inúmeras exposições e recebeu vários prêmios de destaque como o *Prêmio ESSO de Reportagem* pela série de cinco matérias intituladas *Cem Dias na Amazônia de Ninguém*, com textos e fotos publicadas no *Jornal do Brasil*, em 1963. Firmo também ganhou o *Prêmio Golfinho de Ouro* e, por nove vezes, o *Prêmio Internacional de Fotografia Nikon*. A qualidade do seu trabalho pode ser notada nos livros *Walter Firmo, Antologia Fotográfica*, *Paris Parada Sobre Imagens* e *Rio de Janeiro Cores e Sentimentos*. Recentemente, publicou *Erudito Popular*, coletânea de 160 fotos em preto e branco realizadas ao longo de vários anos de trabalho.

Wally Salomão (in memoriam)

O baiano Wally Salomão foi uma verdadeira *usina de neurônios* do nosso tempo. Natural de Jequié, nascido em 3 de setembro de 1943, ele é considerado um dos maiores poetas brasileiros da atualidade. Criador da revista *Navelouca*, no início dos anos 70, participou da vanguarda do movimento cultural pós-moderno no Brasil. Wally fez inesquecíveis músicas como *Vapor Barato*, hino de uma geração, recentemente regravada pelo grupo *O Rappa*. Mas ele não foi tão somente um letrista da MPB, Wally fazia música com as palavras, gestos e pensamentos. Misturava tudo com muito dinamismo: foi agitador cultural, produtor musical e um pensador da cultura brasileira. Filho de pai sírio e mãe baiana participou de maneira informal do movimento Tropicalista nos anos 60, junto com o poeta Torquato Neto e os cantores Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Bethânia, entre outros. Também compôs as músicas: *Anjo Exterminado*, em parceria com Jards Macalé, *Mel e Talismã*, com Caetano Veloso. Como poeta, publicou o livro inaugural *Me Segura Que Vou Dar Um Troço*, além das obras *Gigolô de Bibelôs*, *Armarinho de Miudezas*, *Lábia*, *Tarifa de Embarque*, e *Qual é o Panrangolé*, biografia de seu amigo Hélio Oiticica. Trabalhou com Cássia Eller no show e no disco *Veneno Antimonotonia*, como produtor. Com a nomeação de Gilberto Gil para o Ministério da Cultura, Wally foi convidado para assumir a Secretaria Nacional do Livro e da Leitura, em janeiro de 2002 e, em seu discurso, afirmou: "Quero criar a fome do livro". Tinha nas mãos um novo desafio: popularizar e baratear o livro e fortalecer o hábito de leitura do povo brasileiro. Faleceu no início de 2003, deixando as bases para a concretização de sua meta.







Agraciados

1995 a 2003

1995

Antonio Carlos Magalhães
Celso Furtado
Fernanda Montenegro
Joãozinho Trinta
Jorge Amado
José Mindlin
José Sarney
Manoel Nascimento Brito
Nise da Silveira
Oscar Niemeyer
Pietro Maria Bardi
Ricardo Gribel
Roberto Marinho



1997

Adélia Prado
Antônio Poteiro
Antônio Salgado
Braguinha
David Assayag
Diogo Pacheco
Dona Lenoca
Fayga Ostrower
Gilberto Chateaubriand
Gilberto Ferrez
Helena Severo
Hilda Hist
Jorge da Cunha Lima
Jorge Gerdau
José Ermírio de Moraes
José Safra
Lúcio Costa
Luis Carlos Barreto
Mãe Olga do Alaketu
Marcos Vinícius Vilaça
Maria Clara Machado
Robert Broughton
Ubiratan Aguiar
Wladimir Murtinho

1996

Athos Bulcão
Bibi Ferreira
Caribé
Carlos Eduardo Moreira Ferreira
Edemar Cid Ferreira
Francisco Brennand
Franco Montoro
Jens Olesen
Joel Mendes Rennó
Max Justo Guedes
Mestre Didi
Nélida Piñon
Olavo Setúbal
Padre Vaz
Sérgio Motta
Walter Moreira Salles



1998

Abram Szajman
Altamiro Carrilho
Antonio Britto
Ariano Suassuna
Cacá Diegues
Décio de Almeida Prado
Franz Weissmann
João Carlos Martins
José Hugo Celidônio
Lily Marinho
Mãe Cleusa do Gantois
Milú Villela
Miguel Jorge
D. Neuma da Mangueira
Octávio Frias
Olavo Monteiro de Carvalho
Paulo Autran
Paulo César Ximenes
Roseana Sarney
Ruth Rocha
Ruy Mesquita
Sebastião Salgado
Walter Hugo Khoury
Zenildo de Lucena

1999

Abraão Koogan
Almir Gabriel
Aloyzio Faria
Ana Maria Diniz
Angel Vianna
Antonio Houaiss
Beatriz Pimenta de Camargo
Ecyla Brandão
Enrique Iglesias
Esther Bertoletti
Hélio Jaguaribe
Hermínio Bello de Carvalho
J. Borges
João Antunes
Mãe Stella de Oxóssi
Maria Cecília Geyer
Maria Delith Balaban
Mário Covas
Paixão Côrtes
Paulo Fontainha Geyer
Romero Magalhães
Washington Novaes



2000

Ana Maria Machado
Angela Gutierrez
Argemiro Geraldo de Barros Wanderley (Dom Geraldo)
Dalal Achcar
Edino Krieger
Elizabeth D'Angelo Serra
Firmino Ferreira Sampaio Neto
Gessiron Alves Franco (Siron Franco)
Gianfrancesco Guarneri
Gilberto Passos Gil Moreira
José Alves Antunes Filho
Luiz Henrique da Silveira
Luiz Sponchiato
Maria João Espírito Santo Bustorff Silva
Maria José Motta (Zezé Mota)
Maria Ruth dos Santos (Ruth Escobar)
Mário Miguel Nicola Garofalo
Martinho José Ferreira (Martinho da Vila)
Nelson José Pinto Freire
Paulo Tarso Flecha de Lima
Plínio Pacheco
Rodrigo Pederneiras Barbosa
Sabine Lovatelli
Sérgio Paulo Rouanet
Sérgio Silva do Amaral
Thomaz Jorges Farkas
Tizuka Yamasaki

2001

Arthur Moreira Lima
Catherine Tasca
Célia Procópio de Araújo Carvalho
Euclides Menezes Ferreira
Euzébia Silva de Oliveira
Fernando Faro
Haroldo Costa
Hermínio Bello de Carvalho
Henry Philippe Reichstul
Hildmar Diniz
Ivo Abrahão Nesralla
João Câmara Filho
José Bispo Clementino dos Santos
Luciana Stegagno Picchio
Luiz Antonio Vianna
Lygia Fagundes Telles
Manoel Salustiano Soares
Milton Gonçalves
Milton Nascimento
Paulo César Baptista de Faria
Pilar Del Castillo Vera
Purificación Carpinteyro Calderon
Sari Bermúdez
Sheila Copps
Synésio Scofano Fernandes
Thiago de Mello
Yvonne Lara da Costa
Império Serrano
Portela
Vila Isabel
Mangueira



2002

Alberto Alves da Silva (Nenê de Vila Matilde)
Ana Maria Botafogo Marcozzi (Ana Botafogo)
Ariclenes Martins (Lima Duarte)
Candace Slater
Carlos Roberto Faccina
Dalva Lazaroni de Moraes
Eduardo Baptista Vianna
Francisca Clara Reynolds Marinho (Frances Marinho)
Gentile Maria Marchioro Della Costa (Maria Della Costa)
George Savalla Gomes (Carequinha)
Guilhermo A. O'Donnell
Henry Isaac Sobel
Jack Leon Terpins
João da Gama Filgueiras Lima (Lelé)
Jon M. Tolman
José Domingos de Moraes (Dominguinhas)
José Raimundo Pereira (Mestre Juca)
Julio José Franco Neves
Julio Landmann
Kabengele Munanga
Maria Lúcia Clementino Nunes (Dona Lucinha)
Marlui Miranda
Niède Guidon
Dom Paulo Evaristo Arns
Renato Becker Borghetti (Borghettinho)
Roberto Carlos Braga
Roberto DaMatta
Sergio Kobayashi
Silvio Sergio Bonaccorsi Barbato
Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
Centro Cultural Pró-Música (Juiz de Fora, Minas Gerais)
Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP (São Paulo)
Sociedade Bíblica do Brasil (Barueri, São Paulo)
G.R.E.S. Camisa Verde e Branco (Barra Funda, São Paulo)
G.R.E.S. Vai Vai (Bela Vista, São Paulo)
Vitae Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social (São Paulo)

2003

Agostinho da Silva (in memorian)
Aloísio Magalhães (in memorian)
Ary Barroso (in memorian)
Candido Portinari (in memorian)
Carmem Costa
Dorival Caymmi
Haroldo de Campos (in memorian)
Judith Cortesão
Manoel de Barros
Milton Santos (in memorian)
Antônio Nóbrega
Bené Fontes
Benedito Nunes
Casseta & Planeta
Chico Buarque de Holanda
Eduardo Bueno
Herbert Vianna
Jorge Mautner
Luiz Costa Lima
Maestro Gilberto Mendes
Marília Pêra
Mestre João Pequeno
Moacyr Scliar
Nelson Pereira dos Santos
Rita Lee
Roberto Farias
Rogério Sganzerla
Rubinho do Vale
Velha Guarda da Portela
Zé Di Camargo e Luciano
Afro Reggae
Boi Caprichoso
Boi Garantido
Associação de Bandas Congo da Serra
Coral dos Guarani
Jongo da Serrinha
Mangueira do Amanhã
Grupo Ponto de Partida e Meninos de Araçuaí
Projeto Axé
Projeto Guri







Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura
Gilberto Gil

Secretário-Executivo
Juca Ferreira

Secretário de Políticas Culturais
Paulo Miguez

Secretário de Programas e Projetos Culturais
Célio Turino

Secretário do Audiovisual
Orlando Senna

Secretário da Identidade e da Diversidade Cultural
Sérgio Mamberti

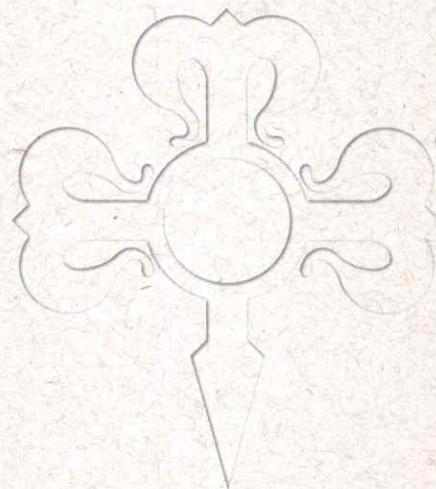
Secretário de Articulação Institucional
Márcio Meira

Secretário de Fomento e Incentivo à Cultura
Sérgio Xavier

Ordem do Mérito Cultural 2004

Realização
Ministério da Cultura

Textos, Edição e Divulgação
Assessoria de Comunicação Social



Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL